

# AMAZÔNIA – ALI TAMBÉM É BRASIL\*

JOSÉ ROBERTO DA COSTA\*\*  
Economista

---

**E**m julho de 1999, tive a satisfação de ser convidado para participar do início das atividades do Ministério da Defesa, assumindo o cargo de chefe de Gabinete da Secretaria de Organização Institucional, mais conhecida pela sigla Seori. Até aquele momento, meu contato com o ambiente militar restringia-se à percepção clássica e constitucional do papel das Forças Armadas e sua atuação político-histórica no movimento militar de 1964, ingredientes básicos e suficientes para um simples cidadão integrante da classe média brasileira. Sempre trabalhando no Governo Federal, minha vida profissional esteve quase que inteiramente voltada para a área econômica, distante, portanto, do meio militar.

Ao longo desses oito anos no convívio diário com a classe militar, motivado pelo desafio de participar, ainda que de forma minúscula, da existência do mais novo ministério brasileiro, além de construir novas e maravilhosas amizades, passei a conhecer, no pôr do sol da minha vida profissional, com imensa riqueza de fatos e de detalhes, a verdadeira importância das Forças Armadas no contexto da Nação. Uma dessas facetas, certamente desconhecida de grande parte da população brasileira, está apoiada num inestimável trabalho por elas desenvolvido na ocupação das fronteiras brasileiras e no papel integrador decorrente do atendimento social e de saúde, proporcionado a um expressivo e esquecido

---

\* Artigo escrito em maio de 2007.

\*\* Economista do quadro do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Chefe de Gabinete da Secretaria de Organização Institucional do Ministério da Defesa.

segmento da população do nosso país. No caso, refiro-me especificamente à Região Norte do Brasil, geograficamente conhecida como Amazônia Legal.

Ali já estive algumas vezes, sempre a trabalho com os militares, e não me canso de ficar chocado com a grandeza do desafio regional, com a imensa dimensão dos problemas, enfim, com a falta de atenção permanente do País para com um pedaço tão importante quanto gigantesco de seu território. Também aprendi a ficar fascinado com o trabalho sustentado, nas condições mais adversas, por um punhado de heróis anônimos, entre os quais se incluem civis e, com marcante presença, militares.

Recentemente, tive a oportunidade, durante quatro dias, de participar de um grupo de civis e militares, integrantes da mi-



nha Secretaria, que visitou organizações militares na Amazônia Ocidental, incluindo o Comando Militar da Amazônia, sediado em Manaus; as 1ª e 2ª Brigadas de Infantaria de Selva, localizadas, respectivamente, nas cidades de Boa Vista (Roraima) e São Gabriel da Cachoeira

(Amazonas); os Pelotões de Fronteira das localidades de Normandia e Maturacá; e, ainda, o 7º Comar/Cindacta IV e o Comando do 9º Distrito Naval, os dois últimos também sediados naquela capital.

Seria impossível descrever em breves palavras o rol de imensas dificuldades de ordem logística, operacional e, principalmente, financeira que caracteriza o trabalho persistentemente desenvolvido pelas Forças Armadas naquela região. Mas é absolutamente necessário evidenciar alguns fatos que me parecem de suma importância para melhor percepção do esforço e da presença militar na região.

Antes de tudo, é preciso perceber e afirmar que a presença das Forças Armadas na Região Norte do País acaba por representar a figura do próprio Estado, entendido como Poder Central.

Em função das enormes extensões territoriais a serem cobertas, aliadas às reconhecidas dificuldades de acesso, a impressão que salta aos olhos é a de que as Forças Armadas aprenderam espontaneamente a se integrar, produzindo estreita co-

## **A presença das Forças Armadas na Região Norte do País acaba por representar a figura do próprio Estado**

★★★

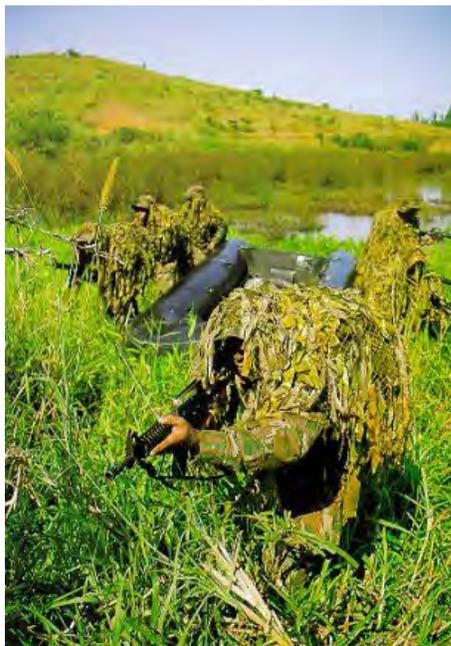
### **Nos dois Pelotões de Fronteira visitados respiram-se disciplina na formatura e patriotismo no ar**



laboração operacional entre os Comandos Militares da região, como forma de enfrentar dificuldades comuns. Eu ousaria dizer que, antes mesmo do advento do Ministério da Defesa, as Forças Armadas já vinham ali atuando de forma “combinada”, por força do quadro de adversidades locais.

No campo específico de atuação do Exército brasileiro naquela região, torna-se fundamental evidenciar o trabalho de ocupação territorial que é levado a efeito pelas diversas Brigadas de Infantaria de Selva, com destaque para suas unidades militares, conhecidas como Pelotões Especiais de Fronteira (PEFs). Essas últimas localizam-se ao longo da extensa fronteira brasileira com sete países, mantendo contingente de cerca de 50 militares em cada unidade. Assim como nas Brigadas, nos dois PEFs visitados respiram-se disciplina na formatura e patriotismo no ar. O Hino Nacional, entoado no meio da selva amazônica com amor e perfeição, cria um clima de emoção que é, em seguida, potencializado com a Oração do Guerreiro de Selva, recitada por todos os seus militares, sob o comando de um deles. É tão empolgante que a impressão que se tem é de que o País está unido, ainda que por breves momentos. Outra maravilhosa lição de civismo e patriotismo é proporcionada pelos jovens na faixa entre 8 e 12 anos, filhos das pequenas comunidades locais e integrantes de batalhões mirins, que se apresentam perfilados e em marcha, assumindo postura de ordem e de respeito à Pátria, ainda no meio de suas infâncias.

É evidente que os Pelotões Especiais de Fronteira não podem ser entendidos simplesmente como uma unidade militar pronta para um eventual confronto de razoáveis proporções. Dada sua configuração militar (reduzido número de militares) e suas naturais limitações em instalações e mesmo em armamentos, cabe a eles um papel maior



e longe de ser simplesmente simbólico, qual seja demonstrar e consolidar fisicamente a ocupação de nossas fronteiras, afirmando a presença do Estado em defesa da soberania nacional. Além disso, seus integrantes, militares e familiares, sempre interagem com as comunidades locais, na sua maioria indígenas, participando de ações efetivas de inserção social e também de auxílio médico, com as naturais limitações impostas pela adversidade da região. A exemplo das demais unidades militares incrustadas na selva, aqueles Pelotões acabam por atuar, ain-



da, como polos catalisadores de processo espontâneo de colonização, oferecendo com a sua presença uma forma de aproximação humana, sob a égide da ordem e da segurança sempre devida pelo Estado.

Da mesma forma, é significativo o papel desempenhado pela Marinha do Brasil, não só no desempenho de sua missão constitucional (controle, orientação, fiscalização e segurança das vias fluviais) naquele imenso território, mas igualmente pelo especial e quase solitário trabalho de prover atendimento médico às populações ribeiri-

nhas da região amazônica. Utilizando seus meios navais apropriados (poucos, mas importantes navios de assistência hospitalar), a Marinha desloca-se praticamente durante o ano inteiro, por milhares de quilômetros, rio acima e abaixo, levando médicos, medicamentos, equipamentos e, também, a esperança para os habitantes daquele mundo tão desconhecido e esquecido pela maioria dos brasileiros. São cerca de 160 a 180 dias navegando nos rios amazônicos, acrescidos de 40 a 50 dias de preparação

**A assistência médica proporcionada pela Marinha – que é um dever do Estado – é levada ao cidadão ribeirinho, invertendo, naquela faixa do território nacional, o ciclo sabidamente ineficiente da assistência à saúde pública no Brasil**

logística para a realização de tamanha tarefa, executando atendimento médico, locomoção de pacientes e orientação humana em centenas de locais, com seus militares e civis a bordo, envolvidos nesse admirável trabalho que eu ousaria chamar de um SUS transportado, único e navegante. Ali, onde tudo é complexo e, por isso mesmo, difícil, a assistência médica proporcionada pela Marinha do Brasil – que é um dever do Estado – é levada ao cidadão ribeirinho, invertendo, naquela faixa do território nacional, ainda que



com escassos recursos, mas, sem dúvida, com muitos méritos, o ciclo sabidamente ineficiente da assistência à saúde pública no Brasil. A exemplo dos Pelotões de Fronteira, essa atividade é quase desconhecida em âmbito nacional, porém possui a expressão inequívoca de um grande exemplo de envolvimento militar com o bem-estar da população civil.

Nesse contexto de atuação militar combinada, e certamente incentivada pela adversidade comum, cabe também ressaltar o

**A Aeronáutica pratica missões de assistência às populações assoladas por calamidades públicas (secas, queimadas, enchentes), em apoio às autoridades estaduais**

ca executa ações cívico-sociais e de assistência à saúde junto às comunidades mais longínquas, por meio de mutirões formados por equipes multidisciplinares, além de participar decisivamente de evacuações aeromédicas em toda a região amazônica. Combinada com as demais Forças, a Aeronáutica pratica missões de assistência às populações assoladas por ca-

lamidades públicas (secas, queimadas, enchentes), em apoio às autoridades estaduais. A sua área de atuação é tão extensa e decisiva que abrange, inclusive, a manutenção dos pontos de apoio para controle do espaço aéreo daquela vasta região.

A observação cuidadosa da atuação das Forças Armadas na Amazônia reafirma a necessidade de elas serem contempladas com volumes crescentes de recursos humanos e financeiros para utilização naquele pedaço do País, sem que isso possa representar choque de interesses com o go-



papel fundamental desempenhado pela Aeronáutica. Centenas de missões aéreas de apoio logístico, transporte de pessoal e de carga são executadas ao longo do ano, destinadas às mais diversas localidades, inclusive àquelas que só podem ser alcançadas por via aérea. Alguns Pelotões de Fronteira são exemplos típicos desse nível de restrição. Ali, os parques bens da civilização só chegam por avião. O Exército depende muito desse indispensável apoio logístico para cumprir seu relevante papel naquela região. A exemplo das demais Forças, a Aeronáuti-





verno estadual. É sabido que as Forças são obrigadas, anualmente, a fazer opções difíceis para aumentar a alocação desses meios financeiros em seus limitados orçamentos. Por outro lado, não se trata simplesmente de investir no aumento da simpatia da população pelas Forças Armadas, mas sim de canalizar recursos específicos para quem sabe e pode melhor utilizá-los em nome do Estado.

Na Amazônia, as Forças Armadas são amadas e desejadas, oferecendo, com a sua presença e atuação, um canal incansável de esperança para uma população esquecida

**Na Amazônia, as Forças Armadas são amadas e desejadas, oferecendo, com a sua presença e atuação, um canal incansável de esperança para uma população esquecida pela maioria dos brasileiros**

pela maioria dos brasileiros. Operando quase sempre em situações adversas e muitas vezes críticas, elas não titubeiam em cumprir,

a qualquer custo, suas obrigações, em sacrificar o convívio familiar de seus integrantes e em despendar recursos para amenizar o sofrimento ou mesmo salvar uma única vida, quase sempre isolada e ignorada naquela imensidão geográfica. Sabem fazer e fazem muito com poucos recursos e muita tenacidade, num trabalho

de milhares de anônimos, movidos pelo patriotismo e pela vontade de afirmar que aquele território é brasileiro.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<ÁREAS>; Amazônia; Forças Armadas;